

AS LÍNGUAS INDO-EUROPÉIAS

Ernesto Ferreira de Oliveira *

Resumo

O presente estudo procura fazer um relato do que foram as pesquisas sobre o Indo-Europeu, as línguas que o compõem, bem como enfatizar sua importância para o Latim e, conseqüentemente, para a compreensão da Língua Portuguesa

Abstract

The present study tries to relate of what were the searches about the Indo-European, the languages that compound it, as well as to emphasis its importance from the Latin and, consequently, to the Portuguese language.

Introdução

Em 1786, Wiliam Jones, juiz inglês na Índia, durante a ocupação britânica daquele país, fez uma palestra para a sociedade científica britânica sobre a importância do Sânscrito, tecendo comentários a respeito de sua estrutura admirável, julgando mesmo como mais perfeito do que o Grego e mais vivo que

o Latim, talvez tendo fonte comum, acrescentando também certo parentesco como o Gótico, o Celta e o Antigo Persa.

Mas foi em 1823 que Julius Klapot publicou *Asia Polyglotta*, usando o termo Indo-Germânico, em referência à família lingüística do Índico e do Germânico. Foi nessa obra que se usou pela primeira vez o termo, referindo-se a tais línguas.

Em 1808, Frederico Schlegel, irmão de Augusto Schlegel, fez a publicação de um estudo sobre a língua e a sabedoria dos indianos. Sugeriu a comparação lingüística dessa língua com as ocidentais, não só em referência às raízes, mas também à estrutura profunda e a gramática.

Franz Bopp, enquanto professor na França, em 1814, aprendeu o Sânscrito e publicou estudos sobre os poemas épicos Mahabátrata e Ramayana, bem como fez estudos sobre o Persa Antigo.

Rasmus Rask, em 1818, publicou uma pesquisa a respeito da origem da Língua Nórdica antiga ou Islandesa, mostrando o parentesco entre as várias línguas como o Nórdico Antigo e o Gótico, Alemão, o Inglês Antigo, línguas eslavas, como o Gronelandês, o Finlandês, além de Basco e Címbrico.

Franz Bopp continuou seus estudos e em 1846 publicou: A respeito do sistema de conjugações da língua sânscrita em comparação com aquele das línguas grega, latina, persa e germânica. Nesse trabalho inicia

* Doutor em Letras. Docente da UNIPAR

o processo do estudo da Gramática Comparada, o que veio a despertar muitas pesquisas no campo da Linguística e da Filologia.

Divisão do estudo sobre o Indo-Europeu

Atualmente o estudo sobre o indo-europeu está assim dividido:

1. Grupo independente

a) Armênio: Falado na atual Armênia, mas já existente desde a época do grego clássico. Era, na verdade, a língua de uma minoria, mas que perdurou através dos tempos chegando até nossa era com nomes da toponímia.

b) Trácio: Falado ao Norte da Grécia e parte da Macedônia.

c) Frígio: Falado na Ásia Menor, entre o Mar Egeu e o Ponto Euxino.

d) Ilírio: Língua da Ilíria, região e nação a Noroeste do Adriático. Hoje há vestígios nas línguas dos sérvio-croatas.

e) Albanês: Língua da Albânia atual, mas já existente desde a antigüidade.

f) Venético ou vêneto: Falado pelo antigo povo ao Norte da Itália e na Gália Romana.

2. Grupo Anatólio

a) Lídio ou meônio: Falado na Lídia, Ásia Menor, talvez relacionado com o etrusco.

b) Lício: Também da Ásia Menor. Os lícios fizeram parte do Império de Alexandre.

c) Luvita: Sabe-se que ficava na Ásia Menor, não havendo senão pequenas referências a respeito.

d) Palaico: Igualmente não há referências precisas.

e) Hitita: O território dos hititas era a

desembocadura dos Eufrates. Era uma civilização rude. Sabe-se que também usavam a escrita cuneiforme.

3. Grupo Esloveno

a) Meridional: Esloveno, na atual Eslovênia, país situado ao Norte da Croácia, acima do Mar Adriático. O sérvio-croata, na região ao Norte da Bósnia, e o russo, falado na atual Rússia; o macedônio e o búlgaro.

b) Ocidental: Compreendendo o Polonês, falado na Polônia, o Polábio ou o Polaico, usado até o fim do século XVIII, desaparecendo perante o alemão. Scheleicher publicou uma Fonética e Morfologia da Língua Polábia (Petrogrado 1871). Usavam-no os sorabes e os sérvios da Lousaca.

Há, ainda a destacar como pertencente ao grupo esloveno, o Eslovício, um dialeto falado na Eslováquia e o Sorábico da Lousaca, língua dos sorabes ou sérvios da região da Lousaca, principalmente pelos habitantes das cidades de Kotbus e de Baautzen. No passado, houve literatos que se destacaram com obras nessa língua, como o poeta Handrij Zegler (1804-1872). Tcheco, língua da República Tcheca e o eslovênia, principalmente nos arredores de Liubliana.

4. Grupo Báltico

Nesse grupo estão o Letão, o Lituano e o Velho Prussiano.

a) Letão: Falado ao Norte de Curlândia, no Sul da Livônia, a Oeste da Província de Vitebsk. Sua poesia popular é de caráter lírico e pastoril. Um nome de destaque na literatura nessa língua é o do poeta e romancista Kaudsit (1848). Lituano, falado na atual Lituânia – Noroeste da Rússia. É uma língua que conservou mais a estrutura antiga, daí ser

considerada arcaica. O sistema vocálico é simples, não há, nas consoantes, as aspiradas gh, dh, bh, que caracterizam suas congêneres. Na morfologia há de anotar o dual, o sistema de declinação bem conservado e os casos são numerosos. A ortografia e acentuação são bastante complexas.

b) Velho Prussiano: Desaparecido no século XVII foi falado na costa do Báltico, da foz do Vístula à do Niémen, foi suplantado pelo Alemão; há vestígio só na toponímia. Existem documentos: catecismos escritos em 1545 a 1561.

5. Grupo Indo-Iraniano

Nesse grupo estão o Persa ou Iraniano, o Avéstico, o Sânscrito, e o Védico.

a) Persa ou Iraniano: A língua persa ou iraniana divide-se em Velho Persa, Persa Médio ou Pehlvi e Persa Moderno, na verdade são três estágios de uma mesma língua. O Velho Persa foi escrito nos caracteres cuneiformes, aproximadamente no reinado de Dario (521-435 a. C.) até Artaxerxes Ochus (359-338 a. C.). Esse Antigo Persa como Zend, muda o "s" inicial em "h" e no corpo do vocábulo ele desaparece. Conservou os ditongos ai, au. É a forma mais simples da escrita cuneiforme. O Persa Médio, o Pehlvi, existiu no período desde os Aquemênidas até a conquista muçulmana.

O Avéstico foi a língua em que Zoroastro escreveu suas idéias; esse idioma, tal qual nos chegou até a atualidade, representa os restos do antigo Avéstico primitivo, cuja destruição se atribui a Alexandre que teria mandado queimar o restante. Esse conjunto de livros mazdeanos, chamados livros sagrados dos antigos persas, é encontrado nas mãos dos pársis de Bombaim e dos guebros da Pérsia. Algumas cópias dos manuscritos figuram nas principais bibliotecas européias.

b) Sânscrito: A palavra sânscrito significa 'regular', feito com arte. É a língua sagrada do bramanismo e dos livros referentes à doutrina e vida dos brâmanes. Certamente não foi falada, e sim escrita,

servindo aos sacerdotes brâmanes e aos eruditos. Sua forma mais arcaica está nos livros védicos - cerca de 1500 a. C. - mesmo nesses livros, observa-se certa artificialidade.

c) Védico: O Védico é derivado de um dialeto popular, o Prácrito. Os gramáticos, principalmente Panini, fixaram o Sânscrito numa forma regular, lógica, o que não se encontra numa língua falada. Daí concluímos que esse Sânscrito clássico sofreu transformações gramaticais, tornando-se culta. O Sânscrito épico, posterior, é mais arcaico, mais popular e brando que o clássico. O alfabeto usado é o devanagári, derivado da escrita brâmane, talvez de origem semita. O Sânscrito constitui fonte inestimável para o estudo de qualquer língua indo-européia.

6. Grupo Celta

a) Celta continental: O grupo celta continental compreende a língua dos gauleses, de que nos fala Júlio César na introdução De Bello Gallico: *Gallia est omnis divisa in partes tres quarum inam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam, qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur*. Esses celtas de que nos fala Júlio César desapareceram como povo, restando seus descendentes ao Noroeste da França e Sul da Alemanha. É justamente na França que há falantes dos dialetos oriundos da Língua Celta. Já o Celta insular aparece representado pelo Irlandês, Gaélico e o Manx, da ilha britânica de igual nome. Outro ramo do Celta insular compreende o Galês, o Córnico e o Bretão.

b) Irlandês: O Irlandês forma com o Gaélico da Escócia e o dialeto da ilha de Manx o ramo gaélico do Celta. Os documentos mais antigos parece remontarem ao século VI de nossa era, mas a literatura propriamente dita começou no século VIII, com glosas inseridas nos textos latinos. A flexão dessas línguas seguiu o esquema comum das línguas derivadas, substituindo os casos por preposição e reduzindo o número de declinações, ou seja, agrupando os nomes em tipos temáticos. O uso

abundante das perífrases reduziu as flexões verbais, tornando-as mais simples e cheias de formas compostas.

c) **Gaélico:** Falado na Escócia, não é o mesmo que o Escocês, embora irmãos. Gaélico e Galês também se diferem. O Galês é do segundo grupo céltico.

d) **Bretão, ou armórico:** A Língua Bretã ou Armórica, é uma das divisões da céltica. É semelhante, na sua forma primitiva, à língua da Cornualia. O Bretão moderno possui quatro dialetos distintos: de *Lyon*, de *Tréguier*, de *Cornuailles* e de *Vartines*. Os textos mais antigos são de caráter religioso. O Galês é falado no País de Gales - Grã- Bretanha - na vertente ocidental. O Galês aos poucos foi sendo assimilado pelo Inglês; mas, nas ruas, há placas em Inglês e em Galês, o que nos sugere ser viva a língua entre a população.

e) **O Dialeto de Cornuália:** O nome parece ter vindo da união de Cornu-Galliae = Chifre da Gália, ou ponta da Gália. Embora as referências sejam à região francesa que compreendia a antiga Gália, na verdade Cornualia fica na Inglaterra, cujo dialeto, o cônico, é originário do celta insular.

7. Grupo Grego

Em que pese o relevo das glórias helênicas, seja na Literatura, seja na Filosofia, com obras que até hoje deslumbram os estudiosos, o ramo grego do Indo-Europeu não teve a projeção como os demais. É que, após Alexandre, não houve outro general helênico que tenha feito conquistas e imposto a língua de Homero. Mesmo que a Koiné tenha sido língua quase corrente na Europa Sul Oriental, sendo quase língua oficial do Império de Bizâncio, o Grego se restringiu aos habitantes do Peloponeso. Podemos falar em Grego insular, com evolução acentuada; e o Grego ocidental, mais requintado, o das grandes obras da cultura helênica. Daí, o Ático, cujo centro era Atenas. Leve-se em consideração o Dórico a Noroeste, o Aqueu e outros. Revestiu-se de grande projeção a

Koiné, dada a quantidade de documentos escritos pela Igreja. Distinguimos quatro grupos dialetais na antiga Grécia: o Jônico, o Ático, o Eólico, o Arcado-Cipriota e o Grego Ocidental. Desses, sem dúvida, o Ático se sobreleva aos demais, pois foi nele que se escreveram as grandes obras da cultura helênica.

8. Grupo Germânico

Esse grupo abrange o Gótico, o Nórdico e o Germânico Ocidental.

a) **Gótico:** O Gótico é o dialeto mais antigo do Germânico. Desapareceu pelo final do século IV de nossa era. O único documento é a tradução da Bíblia entre 311 a 383, pelo bispo Wulfila. Entretanto, ainda no século XVI, na Criméia foi encontrado um dialeto gótico.

b) **Nórdico:** O Nórdico era o dialeto da Escandinávia, constituindo uma unidade lingüística. Era escrito no alfabeto rúnico. Já pelo século XI, podia-se observar dois ramos, com dois dialetos cada um: o Islandês e o Norueguês a Noroeste; o Sueco e o Dinamarquês a Nordeste.

c) **Germânico:** O Germânico Ocidental divide-se em Anglo-Saxão, Frísio, Baixo Alemão, Baixo Francês e Alto Alemão. O Anglo-Saxão deu origem ao Inglês moderno, e por isso é chamado de Inglês antigo.

d) **Baixo Alemão:** O Baixo Alemão compreende o Antigo Alemão, existindo entre 1200 a 1500, hoje é representado pelo Neerlandês ou Flamengo.

e) **Baixo Franco:** O Baixo Franco também chamado de Baixo Antigo Franco, vai do século XIII ao século XIV. O alto alemão é representado por vários dialetos, entre os quais os mais importantes são os Bavarês, o Alemânico e o Francônio.

9. O Ramo Itálico

Os dialetos itálicos do Indo-Europeu

compreendem o Osco, o Umbro e o Latim.

a) **Osco:** O Osco chegou até nossos dias através de inscrições em Lucânia, Campânia, Brutium, e ao Norte até Samnium. Possui um caráter conservador, em oposição ao Latim e ao Umbro. Há um documento mais antigo nessa língua, uma inscrição lucana *toutikemri poterem*. Importante também é a Tabula Bantina, escrita em bronze, na Segunda metade do século II a C.

b) **Umbro:** O Umbro é conhecido pelas Tábuas Eugubinas. É uma língua mais renovadora do que o Osco e uma característica é a transformação do "i" final em "e", reduzindo-se as vogais finais a "a" e "o". Além dessas três línguas, havia ainda: o Etrusco, a Noroeste de Roma, um completo desconhecido até hoje, apesar das inúmeras inscrições existentes; o Grego ao Sul, falado pelas colônias gregas; o Céltico ao Norte, bem como o Mesápico e o Lígure.

c) **Latim:** O Latim, no começo de Roma, era apenas a língua rude de um grupo de pastores. Foi aos poucos adquirindo força na medida em que Roma ampliava seus domínios e se tornava senhora do mundo conhecido. As línguas são o produto de um povo. De língua rude, inferior às vizinhas, foi aos poucos adquirindo foros de cidadania.

Na verdade, Roma era mesmo uma cidade de povo atrasado, pois que muita coisa iam os romanos buscar dos vizinhos. Havia até mesmo o hábito de jovens patrícios estudarem junto aos etruscos. Com as conquistas, veio o engrandecimento. Dominada a Grécia, foram os romanos estudar com os vencidos gregos – *Graecia capta, ferum victorem capit*. A Grécia tornou-se exemplo para Roma. As crianças romanas – nobres – tinham um escravo grego como pedagogo. Muitos jovens iam a Grécia aprender as ciências jurídicas. O próprio Cícero assim o fez. Assim a língua latina, em contato com o grego, adquiriu forças. Substituiu o antigo Verso Satúrnio pela métrica grega. E a partir de Ênio e Salústio, os helenizantes, cresce o idioma com obras imortais.

O esplendor chega com Cícero na prosa, com

Ovídio, Virgílio e Horácio na poesia, com Tito Lívio na historiografia. Há os trágicos, os comediógrafos e todo um conjunto de escritores que até hoje nos causa prazer lê-los. Enquanto manteve o domínio sobre o Orbe, como diziam, pois o que não era romano não era considerado, a língua latina se desenvolveu, foi o veículo das obras imortais, como a Eneida, As Catilinárias, e muitas outras. Mas um idioma só existe enquanto houver um povo para usá-la. Roma enfraqueceu-se com a corrupção e a má administração de césaes despóticos. O antigo esplendor foi-se corrompendo com a nação, e o gênio latino faleceu.

O cristianismo se desenvolveu junto às camadas pobres, entre os humildes, igualando no ideal da fraternidade todos os elementos ditos plebe. Escravos, libertos, aristocratas, estrangeiros, todos irmanados em um só ideal em torno de Cristo. Essa gente ouvia as pregações em sua língua, isto é, o Latim Vulgar. Os primeiros pregadores eram pessoas simples, sem muita cultura. Outros mais igualmente continuaram a pregar nesse mesmo Latim.

E foi assim que a doutrina se espalhou pelo universo romano. Daí as obras exegéticas serem escritas nesse idioma e continuou através dos séculos por todo o império. Com as conquistas, o Latim tornou-se o veículo oficial de comunicação. Mas esse Latim era o popular, falado pelos soldados.

Como o recrutamento era obrigatório e junto aos povos conquistados, esses soldados só podiam comunicar-se em Latim. É lógico que era língua popular. E foi então essa língua levada oficialmente para as províncias, substituindo a fala dos conquistados. Só podia exercer função pública quem soubesse Latim.

Daí os esforços dos conquistados, principalmente os líderes, em dominar esse idioma. Enfraquecido o poder central, o grande Império se dissolveu. Igualmente não foi possível conservar a unidade lingüística. Então o Latim Vulgar passou a evoluir independentemente nas várias regiões, de acordo com as particularidades dos povos em cada ponto do Império. Daí então surgirem as várias línguas

românicas, resultantes da dialetalização do Latim Vulgar.

Além de muitos outros dialetos, são considerados línguas românicas: Português, Espanhol, Francês, Provençal, Italiano, Romeno e Rético.

Conclusão

O estudo do Indo-Europeu se reveste de suma importância no campo da Filologia e da Linguística, principalmente com relação aos estudos da Gramática Comparada. É que os estudos realizados nos fins do século passado e começos deste mostraram os “parentescos” existentes nas línguas da maior parte da Europa.

Quando Hitler, na sua demência, apregoava a purificação da raça ariana, não sabia que ariano era todo um conjunto de povos desde a Índia até a Islândia. Do ponto de vista lingüístico, os cientistas de Hitler cometeram um grande absurdo, pois, todas as línguas da Europa são aparentadas, isto é, oriundas de um primitivo povo a que os filólogos deram o nome de Árias. O Irã, atual país dos aiato-lás, a antiga Pérsia, é a reminiscência do nome: Ariam > Iran, e sua língua, em que pese a influência árabe, ainda é o Persa Antigo, a língua da escrita cuneiforme.

Para compreender o fenômeno lingüístico europeu, a dialeção que a Europa sofreu, é necessária a visão de conjunto da história das línguas que a compõem, partindo da Índia, passando pelos persas e turcos, indo até os russos e alemães, não se esquecendo de mencionar povos da antiguidade, como hititas, caldeus e outros, que a História registra e que falavam língua ariana.

Para nós, brasileiros, que falamos uma língua latina, o estudo nos leva aos primórdios do Latim e assim compreendemos a dimensão e influência que o Indo-Europeu projetou. O Latim foi o ramo itálico do Indo-Europeu a sobreviver, visto que o Osco e o Umbro só deixaram vestígios.

Bibliografia

01. MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à Filologia Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1952.
02. NETO, Serafim da Silva. **Manual de Filologia Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1952.
03. NÓBREGA, Vandick Londres da. **A Presença do latim**. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais: Rio de Janeiro, 1952.
04. NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)**. 6. ed. Livraria Clássica Editora/ Companhia LTDA. Lisboa, 1960.
05. STORIG, Hans Joachim. **Aventura das Línguas: Uma viagem através da História dos Idiomas do Mundo**. 2. ed. Companhia Melhoramentos: São Paulo, 1992.
06. VASCONCELOS, Carolina Michaelis. **Lições de Filologia Portuguesa**. Revista de Portugal: Lisboa, 1960.